

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CRISTHIAN MATHEUS HERRERA

C'ERA UNA VOLTA UN MEME:
aplicação de estratégias na tradução de cinco fábulas da coletânea de Italo Calvino

PORTO ALEGRE

2017

CRISTHIAN MATHEUS HERRERA

C'ERA UNA VOLTA UN MEME:

aplicação de estratégias na tradução de cinco fábulas da coletânea de Italo Calvino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em
Letras — Tradutor Português e Italiano do Instituto
de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial e obrigatório para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Florence Carboni

PORTO ALEGRE

2017

RESUMO

No presente trabalho, analisa-se, a partir do exercício de tradução de cinco textos de *Fiabe italiane*, de Italo Calvino, o uso das estratégias de tradução apresentadas por Andrew Chesterman em *Memes of translation*. As fábulas selecionadas da coletânea de Calvino foram: “La biscia”; “Il devoto di San Giuseppe”; “Muta per sette anni”; “La fiaba dei gatti”; “Il bracciere di mano manca”. A noção de estratégias de tradução aqui considerada é aquela que parte da definição de memes apresentada por Chesterman: ideias que se difundem entre indivíduos e são retidas por esses de modo a apresentar similaridade suficiente entre si para ter um denominador comum. A partir de amostras das fábulas, são comentadas, por meio do cotejo do texto de partida com o texto de chegada, as diferentes estratégias empregadas durante o processo de tradução. Com a análise, procurou-se também individuar as estratégias mais recorrentes e mais relevantes, levando-se em consideração o tipo de texto e o par linguístico trabalhados. São elas: mudança no sintagma; mudança de coesão; mudança de esquema; mudança de tropo; mudança de explicitação; mudança interpessoal. Identificou-se como motivação para o uso de tais estratégias não apenas a necessidade de conformar as diferenças sintáticas entre as línguas de partida e de chegada, mas também a de tornar o texto mais claro, de manter a expressividade metafórica típica das fábulas e, em certos casos, de explicitar o nível de formalidade em diálogos. A partir dos resultados obtidos, espera-se demonstrar a relevância das estratégias como ferramenta de controle de qualidade, levando o tradutor à reflexão acerca de suas escolhas de tradução.

Palavras-chave: **Estratégias de tradução. Fábulas italianas. Italo Calvino. Andrew Chesterman.**

RIASSUNTO

Nel presente lavoro si analizza, a partire dall'esercizio di traduzione di cinque testi delle *Fiabe italiane*, di Italo Calvino, l'uso delle strategie di traduzione presentate da Andrew Chesterman in *Memes of translation*. Dalla raccolta di Calvino sono state selezionate le seguenti fiabe: "La biscia"; "Il devoto di San Giuseppe"; "Muta per sette anni"; "La fiaba dei gatti"; "Il bracciere di mano manca". La nozione di strategia qui considerata è quella che parte dalla definizione di memes presentata da Chesterman: idee che si diffondono tra individui e sono da loro conservate in modo da presentare una similarità tale da avere un denominatore comune. A partire da campioni tratti da ogni fiaba, vengono commentate, tramite il confronto del testo di partenza con il testo di arrivo, le diverse strategie impiegate durante il processo di traduzione. Con l'analisi si è anche cercato di individuare le strategie più ricorrenti e più pertinenti, tenendo presente il tipo di testo e la coppia linguistica utilizzati. Queste strategie sono: cambiamento nel sintagma; cambiamento di coesione; cambiamento di schema; cambiamento di tropo; cambiamento di esplicitazione; cambiamento interpersonale. È stata identificata come motivazione per l'uso di tali strategie non solo la necessità di adeguare le differenze sintattiche tra la lingua di partenza e quella di arrivo, ma anche quella di rendere il testo più chiaro, di mantenere l'espressività metaforica tipica delle fiabe e, in certi casi, di esplicitare i livelli di formalità nei dialoghi. A partire dai risultati ottenuti, si spera di poter dimostrare la pertinenza delle strategie quali strumenti per il controllo di qualità, portando il traduttore a riflettere sulle sue scelte di traduzione.

Parole chiave: **Strategie di traduzione. Fiabe italiane. Italo Calvino. Andrew Chesterman.**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Legenda de siglas	11
Tabela 2 — Legenda dos textos de partida e de chegada	17
Tabela 3 — Estratégia G1: Tradução literal.....	18
Tabela 4 — Estratégia G3: Transposição.....	18
Tabela 5 — Estratégia G4: Mudança de unidade.....	18
Tabela 6 — Estratégia G5: Mudança no sintagma.....	18
Tabela 7 — Estratégia G6: Mudança na oração.....	19
Tabela 8 — Estratégia G7: Mudança na frase.....	19
Tabela 9 — Estratégia G8: Mudança de coesão.....	20
Tabela 10 — Estratégia G9: Mudança de nível.....	21
Tabela 11 — Estratégia G10: Mudança de esquema.....	21
Tabela 12 — Estratégia S1: Sinonímia.....	22
Tabela 13 — Estratégia S3: Hiponímia/hiperonímia.....	23
Tabela 14 — Estratégia S4: Contrários.....	23
Tabela 15 — Estratégia S5: Mudança de abstração.....	23
Tabela 16 — Estratégia S6: Mudança de distribuição.....	24
Tabela 17 — Estratégia S7: Mudança de ênfase.....	24
Tabela 18 — Estratégia S8: Paráfrase.....	25
Tabela 19 — Estratégia S9: Mudança de tropo.....	25
Tabela 20 — Estratégia S10: Outras mudanças semânticas.....	26
Tabela 21 — Estratégia Pr1: Filtragem cultural.....	27
Tabela 22 — Estratégia Pr2: Mudança de explicitação.....	27
Tabela 23 — Estratégia Pr4: Mudança interpessoal.....	28
Tabela 24 — Estratégia Pr5: Mudança ilocucionária.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 ITALO CALVINO.....	9
3 OS MEMES DA TRADUÇÃO.....	10
3.1 ESTRATÉGIAS SINTÁTICAS.....	12
3.2 ESTRATÉGIAS SEMÂNTICAS.....	13
3.3 ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS.....	14
4 ANÁLISE.....	17
4.1 IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS.....	17
4.2 RESULTADOS.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICES.....	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a pôr em prática e a analisar a aplicabilidade das estratégias de tradução tratadas por Andrew Chesterman em *Memes of translation* (1997). Para tanto, foram selecionadas e traduzidas cinco entre as fábulas italianas recolhidas e compiladas por Italo Calvino em *Fiabe italiane*, obra publicada pela primeira vez na Itália em 1956 pela editora Einaudi. As fábulas selecionadas foram: “La biscia”; “Il devoto di San Giuseppe”; “Muta per sette anni”; “La fiabe dei gatti”; “Il bracciere di mano manca”.

Uma versão bastante reduzida da compilação de Calvino foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1992, pela editora Companhia das Letras, sob o título *Fábulas italianas*. Neste trabalho, para a tradução, tomou-se o cuidado de não selecionar as fábulas que já contam com uma tradução publicada em português brasileiro, a fim de não sofrer influências de uma versão já consagrada.

A escolha de Chesterman como referencial teórico para o exercício de tradução se deu pelo modo claro e acessível como o autor organiza e classifica as estratégias de tradução, bem como pelo fato de ter o seu trabalho guiado por uma perspectiva descritiva — baseada nos memes — em vez de prescritiva. Chesterman, para elucidar suas estratégias de tradução, utiliza como exemplo trechos da revista de uma companhia aérea em alemão, os quais traduz para o inglês. Aqui, a escolha das fábulas teve como objetivo verificar a aplicabilidade das estratégias de Chesterman a um par de línguas e a um gênero textual diferentes daqueles utilizados pelo autor, buscando-se também identificar aquelas que, eventualmente, demonstrem-se mais relevantes nessas condições.

No que diz respeito à dinâmica da identificação das estratégias, houve dois momentos: a tradução e a revisão. Durante o processo de tradução propriamente dito, trabalhando-se com arquivos na plataforma *Microsoft Word*, foram inseridos comentários nos trechos em que se identificou o uso deliberado de uma estratégia de tradução. Os comentários eram compostos do nome da estratégia utilizada e de explicações resumidas sobre a manipulação textual ali operada. Durante o processo de revisão, por sua vez, esse mesmo tipo de comentário foi inserido em trechos em que somente naquele momento identificou-se que houve, de fato, a intervenção de um comportamento estratégico, bem como naqueles em que foram realizadas mudanças de caráter estratégico durante essa etapa. O uso de tais comentários nos arquivos das traduções teve como objetivo não apenas a análise geral das estratégias aplicadas, mas também o de listar os trechos dos quais seriam extraídos os exemplos a serem apresentados, para elucidá-las.

A estrutura do trabalho será ordenada da seguinte forma: uma breve apresentação a Italo Calvino e a seu trabalho na compilação de *Fiabe italiane*; uma introdução à obra de Andrew Chesterman e um resumo das estratégias de tradução por ele apresentadas; a análise, por meio de amostras, das estratégias utilizadas durante o processo de tradução das fábulas; resultados e comentários; considerações finais; referências bibliográficas. As traduções das fábulas foram colocadas ao final, na forma de apêndice.

Os objetivos deste trabalho são dois: 1) como produto, a tradução das cinco fábulas mencionadas da coletânea de Calvino para o português brasileiro; 2) como reflexão, a análise — por meio de amostras dos textos de partida e dos textos de chegada — das estratégias de tradução apresentadas por Chesterman conforme identificadas no processo de tradução das fábulas. A partir desses dois objetivos, uma vez que não foram encontrados trabalhos que descrevessem e analisassem o uso de estratégias na tradução de fábulas utilizando o par linguístico aqui trabalhado, espera-se também colaborar para preencher essa lacuna, considerando-se que a atividade de tradução de qualquer tipo e gênero textual poderia valer-se de estratégias ordenadas de modo mais formal, de modo a conduzir o tradutor a uma tomada de decisões mais ponderada e guiada por um par linguístico específico.

2 ITALO CALVINO

Nascido em 1923 em Santiago de las Vegas, província de Havana, Cuba, Italo Calvino é um expoente da literatura italiana do século XX. Viveu por pouco tempo em seu país natal; os pais, o agrônomo Mario Calvino e a botânica Eva Mameli, ambos italianos, decidem retornar à Itália em 1925, instalando-se em Sanremo, na região da Ligúria.

Como escritor, seguiu muitas das principais tendências literárias da sua época, do Neorrealismo ao Pós-Modernismo, sempre mantendo, no entanto, uma relativa distância dessas para dar espaço ao seu próprio estilo e à sua pesquisa. Além disso, colaborou com jornais e foi um intelectual de grande atividade política, civil e cultural. De fato, foi membro do Partido Comunista Italiano e, como *partigiano*, participou ativamente da Resistência Italiana. Viveu, entre outros lugares, em Turim, Paris, Roma e, por último, Castiglione della Pescaia, pequena cidade na costa da Toscana. Faleceu aos 61 anos, em um hospital em Siena, em decorrência de um acidente vascular cerebral.

A primeira edição de *Fiabe italiane* foi publicada na coleção “I Millenni”, da editora Einaudi, em novembro de 1956. É desta forma que Calvino descreve, na introdução à obra, o ponto de partida de sua empreitada:

O primeiro impulso para produzir este livro veio de uma exigência editorial: desejava-se publicar, ao lado dos grandes livros de fábulas estrangeiras, uma coletânea italiana. Mas qual texto escolher? Existia um “Grimm italiano”? (CALVINO, 2006, p. VII — tradução minha)

Calvino tinha não apenas a tarefa de curador dessa coletânea, mas também a de tradutor. Seu trabalho é concluído após dois anos de pesquisa, seleção e tradução em italiano padrão de fábulas provenientes de quase todas as regiões do país, escritas em dialeto e, algumas, em línguas estrangeiras. Seu intuito foi o de selecionar, entre as variantes encontradas para cada fábula, aquelas que fossem mais bonitas, originais e raras e contá-las em língua italiana da forma mais plena e articulada possível, em um registro de italiano nem tanto pessoal, nem tanto desbotado, elástico o suficiente para incorporar a expressividade e até mesmo alguma peculiaridade do dialeto.

3 OS MEMES DA TRADUÇÃO

Em *Memes of translation* (1997), o inglês Andrew Chesterman, acadêmico de linguística e de estudos de tradução radicado na Finlândia, apresenta o conceito de meme, um termo inicialmente apresentado por Dawkins, em um contexto de sociobiologia, no livro *The selfish gene* (1976). Dawkins utiliza o termo para designar uma unidade paralela ao gene, a qual serviria para descrever a evolução de fenômenos culturais. Assim como os genes, os memes seriam replicadores: ideias que não necessariamente existem de forma idêntica nos cérebros de diferentes indivíduos, mas que apresentam similaridade suficiente entre si para ter um denominador comum. Esse denominador comum seria, justamente, o meme. Dawkins elucida:

Exemplos de memes são melodias, ideias, frases de efeito, moda, maneiras de moldar vasos ou de construir arcos. Assim como os genes se propagam no *pool* de genes ao pular de corpo em corpo por meio de espermatozoides ou óvulos, os memes propagam-se no *pool* de memes ao pular de cérebro em cérebro por meio de um processo que, de modo geral, pode ser chamado de imitação. Se um cientista ouve ou lê sobre uma ideia boa, ele a repassa a seus colegas e alunos. Ele a menciona em seus artigos e aulas. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela se propagou, espalhando-se de cérebro em cérebro. (1976, p. 206 apud CHESTERMAN, 1997 — tradução minha)

Dessa forma, as boas ideias, aquelas que pulam de pessoa em pessoa, são as que sobrevivem, ao passo que as demais, que não são propagadas, morrem dentro dos seus hospedeiros. Ideias e convenções que sobrevivem por muitas gerações e são transmitidas com êxito de uma cultura para outra são consideradas ideias particularmente relevantes para um amplo grupo de pessoas. O grupo específico de pessoas que nos interessa aqui são os tradutores, e, entre seus memes — ou seja, as ideias entre eles difundidas —, estariam as estratégias de tradução, recursos amplamente utilizados pelos profissionais da área por serem reconhecidos como ferramentas conceituais padrão da prática tradutória.

Estratégias são ideias por meio das quais o tradutor manipula o texto a fim de conformá-lo com certas normas. Seu uso visa a chegar à melhor versão em que se consegue pensar, a qual o tradutor considera a tradução ideal. Segundo Chesterman, o uso das estratégias de tradução é: 1) guiado por um objetivo; 2) potencialmente consciente; e 3) voltado a um problema. Se o objetivo é o ponto de chegada visado (isto é, o texto de chegada, traduzido de modo a satisfazer uma expectativa X), o ponto de partida para considerar o uso de uma estratégia seria a noção da existência de um problema: um tipo de interrupção no trabalho mais linear do tradutor, no qual ele se vê obrigado a pensar em forma não rotineira. Essa é a distinção feita por Lörscher (1991 apud CHESTERMAN, 1997) entre o que ele chama de comportamento estratégico e

comportamento não estratégico, sendo o primeiro feito de modo potencialmente consciente pelo tradutor.

O uso das estratégias compiladas por Chesterman, conforme o próprio autor, consiste em “mudar alguma coisa”: se o tradutor não está satisfeito com a versão de chegada que vem imediatamente à sua mente — por ela parecer agramatical, semanticamente estranha, pragmaticamente fraca —, é necessário mudar alguma coisa. O fato de haver algo que deixa o tradutor insatisfeito na versão mais óbvia para o texto de chegada é, justamente, indicador de um problema.

Jääskeläinen (1992 apud CHESTERMAN, 1997, p. 91) afirma que as estratégias tendem a ser formuladas em modo pouco rígido em vez de moldadas por definições fixas. Ao passo que são difundidas, elas normalmente são apresentadas e retidas em modo não formal, como uma regra geral, quase um macete.

Pode-se compreender melhor o teor da abordagem de Chesterman e como ele se insere nos estudos de tradução a partir da leitura de Branco (2007), que utiliza em sua tese de doutorado as estratégias do autor, junto à abordagem funcionalista de Nord, para analisar a tradução de notícias jornalística on-line. Branco traça um paralelo entre os memes de Chesterman e as contribuições de Toury aos estudos descritivos da tradução. Ambos se opõem à perspectiva prescritiva dos estudos de tradução, porém uma diferença entre eles seria que, conforme Toury, as regularidades do comportamento do tradutor seriam aquilo que guia a produção da tradução, ao passo que, para Chesterman, tal comportamento não pode ser claramente identificado ou explicado, sendo essa a origem dos memes da tradução. Branco também afirma que a ideia explorada por Chesterman de como o texto muda ao ser traduzido e sua análise da natureza e da motivação de tais mudanças seriam muito similares à abordagem funcionalista da tradução conforme trazida por Nord.

Uma vez que o impacto de Chesterman no Brasil é limitado, não havendo obras suas traduzidas em português brasileiro, optou-se por apresentar suas estratégias aqui, resumidamente, para sensibilizar o leitor que, eventualmente, possa desejar consultar sua obra para aprofundamentos.

No decorrer deste trabalho, serão utilizadas as siglas indicadas na Tabela 1.

Tabela 1 — Legenda de siglas

LP	Língua de partida
LC	Língua de chegada
TP	Texto de partida
TC	Texto de chegada

3.1 ESTRATÉGIAS SINTÁTICAS

Estas estratégias dizem respeito unicamente a mudanças sintáticas, manipulando a forma do texto. Mudanças que afetam o texto em maiores proporções também podem acarretar o uso de estratégias de outro tipo.

G1) Tradução literal: Tradução a mais próxima possível da forma na LP, porém construída em uma estrutura gramatical na LC. Para alguns teóricos, como Newmark, Vinay e Darbelnet, esta é a estratégia padrão. Assim, somente seria necessário recorrer a uma estratégia diferente se, por alguma razão, a tradução literal não fosse possível.

G2) Empréstimo, calque: Escolha deliberada de um empréstimo linguístico, seja um único elemento ou um sintagma. Também se enquadra nesta estratégia o empréstimo de neologismos. Uma variante desta estratégia é aquela que Pym (1992a, p. 76 apud CHESTERMAN 1997, p. 94) chama de “dupla apresentação”, a qual inclui no TC tanto a versão da LP como a da LC.

G3) Transposição: Qualquer tipo de mudança de classe de palavras. Tais mudanças também acarretam alterações na estrutura de orações e frases, porém estas últimas não são o foco da estratégia. Chesterman utiliza o termo “transposição” a partir de Vinay e Darbelnet.

G4) Mudança de unidade: As unidades são: morfema, palavra, sintagma, oração, frase e parágrafo. Tem-se uma mudança de unidade quando uma unidade do TP é traduzida como uma unidade diferente no TC.

G5) Mudança no sintagma: As alterações em nível sintagmático incluem: no sintagma nominal, número, substantivo definido/indefinido e modificação; no sintagma verbal, sujeito, tempo e modo.

G6) Mudança na oração: Mudanças na estrutura da oração no que diz respeito aos sintagmas que a constituem. Estão incluídas nessas mudanças: ordem dos constituintes (sujeito, verbo, objeto, complemento, advérbio), voz ativa *versus* voz passiva, verbo no infinitivo *versus* conjugado, verbo intransitivo *versus* transitivo.

G7) Mudança na frase: Mudanças das orações que compõem a estrutura da frase. Estão incluídas mudanças de oração principal e subordinada e mudanças dos tipos de oração subordinada.

G8) Mudança de coesão: Afeta a referência intratextual, a elipse, a substituição, a pronominalização e a repetição, bem como uma variedade de conectores.

G9) Mudança de nível: Os níveis são fonológico, morfológico, sintático e lexical. Nesta estratégia, o modo de expressão de um item específico é mudado de um nível no TP para outro nível no TC. Um forte fator de influência para esta estratégia é o tipo linguístico da LP e da LC, sejam elas mais analíticas ou mais aglutinantes.

G10) Mudança de esquema: Mudanças incorporadas na tradução de esquemas retóricos, tais como paralelismo, repetição, aliteração, ritmo métrico. Há três possibilidades iniciais para esta estratégia: 1) o esquema do TP pode ser mantido no TC; 2) o esquema do TP pode ser substituído por outro esquema no TC; 3) o esquema do TP pode ser anulado no TC. Uma quarta possibilidade seria adicionar ao TC um esquema que não estava presente no TP.

3.2 ESTRATÉGIAS SEMÂNTICAS

Estas estratégias estão relacionadas, sobretudo, à semântica lexical e são utilizadas para manipular o significado.

S1) Sinonímia: Utilização de um equivalente menos “óbvio” para, por exemplo, evitar a repetição de elementos.

S2) Antonímia: Seleção de um antônimo, a ser combinado com um elemento de negação.

S3) Hiponímia/hiperonímia: Esta estratégia apresenta três subclasses: 1) hipônimo no TC para um hiperônimo no TP; 2) hiperônimo no TC para um hipônimo no TP; 3) em dois ou mais contextos, diferentes hipônimos no TC, conforme mais adequado em cada contexto, para o mesmo hiperônimo no TP.

S4) Contrários: Pares de estruturas, normalmente verbais, que representam pontos de vista opostos sobre uma situação. Ex.: comprar *versus* vender.

S5) Mudança de abstração: O nível de abstração de um elemento pode passar de abstrato para mais concreto ou de concreto para mais abstrato. Ex.: o mundo inteiro (abstrato) *versus* cada canto do globo (concreto).

S6) Mudança de distribuição: Os componentes semânticos de uma palavra ou expressão podem ser redistribuídos em mais itens (expansão) ou em menos itens (compressão) no TC em comparação com o TP.

S7) Mudança de ênfase: Adição, redução ou alteração da ênfase ou do foco temático.

S8) Paráfrase: Uma versão no TC que pode ser descrita como livre ou mesmo “menos traduzida” em relação ao TP. Esta estratégia prioriza o sentido pragmático geral de uma frase ou oração em detrimento dos componentes semânticos em nível de lexema, sendo muito utilizada, por exemplo, para a tradução de expressões idiomáticas da LP para as quais não seja possível encontrar uma expressão equivalente na LC.

S9) Mudança de tropo: A tradução de tropos (expressões figuradas) pode ser feita, inicialmente, como na estratégia G10, de três maneiras: 1) utiliza-se uma expressão figurada equivalente: a expressão figurada da LP também é considerada uma expressão figurada na LC (aqui, os tropos podem conter léxico [i] idêntico, [ii] relacionado ou [iii] não relacionado); 2) utiliza-se uma expressão figurada diferente no TC; 3) não se utiliza uma expressão figurada no TC. Como alternativa, pode-se utilizar no TC uma expressão figurada onde não há uma no TP.

S10) Outras mudanças semânticas: Enquadram-se aqui modulações de vários tipos, como mudança sensorial (por exemplo, de visão para audição) ou de elementos dêiticos (como as direções).

3.3 ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS

Este conjunto de estratégias lida com a seleção das informações adicionadas, removidas ou alteradas no TC, sendo essas mudanças regidas pelos conhecimentos do tradutor sobre o

público-alvo. As estratégias pragmáticas tendem a envolver mudanças maiores a partir do TP e, normalmente, acarretam também mudanças sintáticas e semânticas. Se as estratégias sintáticas manipulam a forma e as estratégias semânticas manipulam o significado, as estratégias pragmáticas manipulam a forma de veicular a mensagem. Estas estratégias normalmente são resultado das decisões que o tradutor toma sobre a forma apropriada de traduzir o texto como um todo.

Pr1) Filtragem cultural: Também conhecida como naturalização, domesticação e adaptação, esta estratégia descreve como elementos da LP, sobretudo elementos pertencentes a culturas específicas, são traduzidos como equivalentes culturais ou funcionais da LC (ou, melhor dizendo, no contexto cultural da LC). O processo oposto, por meio do qual esses elementos não são adaptados, é conhecido como exotização, estrangeirização e estranhamento.

Pr2) Mudança de explicitação: A mudança pode tornar um elemento explícito (explicitação) ou implícito (implicação). O processo de explicitação, uma das estratégias de tradução mais comuns, refere-se a como o tradutor torna evidente no TC uma informação que se encontra implícita no TP. A implicação, por sua vez, torna implícita uma informação que o tradutor considera que o leitor possa inferir por conta própria.

Pr3) Mudança de informação: Adição de informação nova, não dedutível pelo leitor, que o tradutor considere relevante para o público-alvo. O oposto é a omissão de uma informação considerada irrelevante. Diferentemente do que ocorre no processo de implicação (Pr2), aqui a informação omitida não pode ser inferida pelo leitor.

Pr4) Mudança interpessoal: Alteração do estilo geral, como nível de formalidade, grau de emotividade e envolvimento, nível de terminologia: qualquer característica que acarrete uma alteração na relação entre texto/autor e leitor.

Pr5) Mudança ilocucionária: Mudanças de atos de fala, normalmente realizadas junto a outras estratégias. Alguns exemplos são: mudança de modo indicativo para imperativo; de asserção para pedido; perguntas retóricas etc.

Pr6) Mudança de coerência: Alteração da organização lógica da informação no texto. Diferentemente da estratégia G8, de mudança de coesão, a Pr6 não tem relação com marcadores formais de coesão textual.

Pr7) Tradução parcial: Tradução sumária, transcrição do TC no TP, “tradução apenas de sons” (como uma transcrição de como pronunciar as palavras do TP na LC), entre outras.

Pr8) Mudança de visibilidade: Mudança no *status* da presença autoral, em que o tradutor se torna evidente. Exemplos são: notas de tradutor, comentários e explicações entre colchetes ou parênteses.

Pr9) Transedição: Termo sugerido por Stetting (1989 apud CHESTERMAN, 1997) para designar as alterações de maior escala (reorganização, reescrita) que um tradutor pode vir a aplicar durante a tradução de um TP mal-escrito.

Pr10) Outras mudanças pragmáticas: Estas podem compreender, por exemplo, uma mudança de *layout* e a escolha de um dialeto para o TC.

4 ANÁLISE

Este capítulo traz uma amostragem das estratégias de tradução identificadas durante os processos de revisão e tradução das cinco fábulas, organizada, a partir dos comentários inseridos nos arquivos de tradução, de modo a esclarecer o raciocínio subjacente ao seu uso. Ao final, com o levantamento dos resultados, são evidenciadas as estratégias mais recorrentes e relevantes identificadas durante o exercício.

4.1 IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS

Para a análise dos trechos selecionados, foram organizadas tabelas que trazem lado a lado o texto de partida, em italiano, e o texto de chegada, em português brasileiro. Abaixo de cada par de trechos ou conjunto de pares de trechos, nas células com fundo cinza, fazem-se comentários sobre as estratégias utilizadas.

Os trechos apresentados não representam a totalidade das estratégias utilizadas na tradução das fábulas, mas apenas uma amostragem coletada com o objetivo de ilustrar a variedade dessas estratégias efetivamente aplicadas. Apesar de, em teoria, ser possível fazê-la, a apresentação de absolutamente todas as situações de comportamento estratégico durante a tradução está fora do escopo deste trabalho.

Todas as fábulas foram traduzidas a partir da 15ª edição de *Fiabe italiane*, de Italo Calvino. As referências a cada fábula serão codificadas conforme indicado na Tabela 2.

Tabela 2 — Legenda dos textos de partida e de chegada

	TEXTO DE PARTIDA (IT)	TEXTO DE CHEGADA (PT-BR)
T1	La biscia	A cobra
T2	Il devoto di San Giuseppe	O devoto de São José
T3	Muta per sette anni	Muda por sete anos
T4	La fiaba dei gatti	A fábula dos gatos
T5	Il bracciere di mano manca	O escudeiro do lado esquerdo

Os elementos de interesse para a análise de cada estratégia são, quando possível, evidenciados em negrito. Já o símbolo \emptyset indica um elemento ausente.

Procurou-se fornecer ao menos um exemplo para cada estratégia utilizada. Para as estratégias consideradas mais relevantes, são fornecidos diversos exemplos, expondo subtipos para ilustrar sua variedade de aplicações.

Tabela 3 — Estratégia G1: Tradução literal

Trovò una casa piena di gatti, tutti affaccendati. (T4)	Encontrou uma casa cheia de gatos, todos atarefados.
Na forma traduzida, procurou-se utilizar a forma da LC a mais próxima possível daquela da LP, visto que não houve elementos que, de alguma forma, tenham-no impedido ou dificultado.	

Tabela 4 — Estratégia G3: Transposição

Viene il giorno che muore [...] (T2)	Chega o dia da sua morte [...]
De verbo no TP para substantivo no TC. Esta transposição também comporta a mudança dos elementos que acompanham o item modificado.	

Tabela 5 — Estratégia G4: Mudança de unidade

Lei rise e caddero chicchi d'oro, pianse e caddero perle, si lavò le mani e faceva pesci nel catino. (T1)	A garota riu, e dela despencaram grãos de romã feitos de ouro. Chorou, e jorraram pérolas dos seus olhos. Lavou as mãos em uma bacia, e encheu-a de toda sorte de peixes.
O que era apenas uma frase no TP foi transformado em três no TC. O objetivo aqui foi tornar a apresentação das informações mais clara. As demais mudanças no TC em relação ao TP não se enquadram nesta estratégia.	

Tabela 6 — Estratégia G5: Mudança no sintagma

Fa per cogliere le melagrane, ma l'albero cresceva a occhiate [...] (T1)	Faz menção de colher uma romã, mas a árvore crescia só de olhar para ela [...]
De artigo definido no TP para artigo indefinido no TC. Por uma questão de coerência, preferiu-se não utilizar o artigo definido no TC, o que poderia dar a entender, na LC, que o personagem fez menção de colher todas as romãs.	
A San Giuseppe diceva tutte le orazioni, a San Giuseppe accendeva il cero , per San Giuseppe faceva le elemosine [...] (T2)	Fazia todas as orações para São José, acendia o velas para São José e dava o esmolos por São José.
Em italiano (LP), é muito comum o uso de artigos definidos em casos em que não são usados em português brasileiro (LC) — trata-se da mesma questão do trecho anterior a este. Além disso, “velas” foi utilizado no plural, conferindo a ideia de indefinição, de algo que não é um elemento específico.	
Si levò il guanto, lo posò sul baldacchino del letto [...] (T5)	Tirou uma das luvas, pousou-a sobre o baldaquino do leito [...]

Novamente, de artigo definido no TP para artigo indefinido no TC. Neste caso, se o artigo definido tivesse sido utilizado no TC, pareceria que aquela luva específica já havia sido mencionada anteriormente.	
— Sì, sì, andate . (T3)	— Sim, sim, podem ir — respondeu a mãe.
De modo imperativo no TP para modo indicativo no TC. O gatilho para a mudança foi simplesmente o fato de a tradução literal não soar convincente na LC. Utilizando os termos de Chesterman, pode-se dizer que essa opção seria pragmaticamente fraca, motivo pelo qual esta estratégia também está relacionada a Pr5.	
Lascia che vadano via, poi va a vedere donde sono usciti [...] (T3)	Espera irem embora, depois vai ver de onde saíram [...]
De modo subjuntivo presente no TP para infinitivo impessoal no TC. Na tradução, optou-se pelo verbo “esperar” em vez do verbo “deixar”. Na possível tradução “espera que vão embora”, pode haver uma ambiguidade; o leitor poderia entender algo como “deseja que vão embora”.	
Arrivati al bosco, i bambini si fermarono a giocare. (T3)	Chegando ao bosque, as crianças param para brincar.
De forma verbal participípio passado para gerúndio. “Chegadas ao bosque” não funcionaria na LC. Alternativas seriam “ao chegar ao bosque” ou “após chegar ao bosque”.	

Tabela 7 — Estratégia G6: Mudança na oração

Se no, bisogna che ti ammazziamo. (T3)	Senão, teremos que matá-la.
A substituição da expressão impessoal por um verbo pessoal confere mais expressividade à ameaça do personagem.	
Si sa che quando giurano per la Corona i Re fanno il più gran giuramento [...] (T5)	Sabe-se que jurar pela coroa é o maior dos juramentos para um rei [...]
O sujeito da oração passou de “os reis” para “jurar pela coroa”. Para tanto, substituiu-se um verbo conjugado por outro no infinitivo. A estratégia foi empregada porque a tradução literal soaria pouco natural na LC.	

Tabela 8 — Estratégia G7: Mudança na frase

La suocera era di cuore cattivo e faceva alla nuora dispetti e malegrazie: ma la nuora non rispondeva e sopportava. (T3)	A sogra tinha um coração ruim e lhe fazia desaforos e grosserias, mas a nora não respondia e aguentava tudo.
Realizou-se uma mudança na estrutura da frase ao se substituir os dois-pontos por vírgula. De fato, além de os dois-pontos não caberem na LC neste caso, a vírgula antes da conjunção adversativa torna a frase mais lógica.	

Tabela 9 — Estratégia G8: Mudança de coesão

[...] il Re fece radunare i Savi perché gli spiegassero l'incanto. E il più vecchio di tutti i Savi disse che poteva cogliere quei frutti [...] (T1)	[...] o rei mandou reunir os sábios para que lhe explicassem aquele encanto. O mais velho deles disse que os frutos daquela árvore [...]
Il Re mandò a frugare nelle case se trovavano altre ragazze, e così scovarono quella chiusa nel solaio. (T1)	O rei mandou revistar as casas para ver se encontravam outras garotas, e assim descobriram a outra filha do camponês trancada no sótão.
San Giuseppe venne e appena vide quel suo devoto [...] (T2)	São José veio e, logo que viu o seu devoto [...]
Ma San Pietro si ostinò che non lo voleva. (T2)	Mas São Pedro estava obstinado a não o deixar entrar .
E il marito, prima le disse che non sapeva niente, o poi le raccontò della sua maledizione, e che dopo non li aveva più visti. (T3)	O marido primeiro disse que não sabia de nada, mas em seguida lhe contou sobre sua maldição e que não os havia mais visto depois.
[...] c'è una sala con ventiquattro letti. Guarda se fossero in qualcuno di quei letti . (T3)	[...] há um quarto com vinte e quatro camas. Olhe se estão em alguma delas [...]
Il Re parlava forte perché credeva che o fosse sordomuta ma poi capì che o sentiva anche le parole a bassa voce. (T3)	O rei falava alto pois acreditava que a garota fosse surda-muda, mas então entendeu que ela escutava mesmo o que ele dizia em voz baixa.
La sposa ha un bambino, ma la suocera, d'accordo con la comare prende un cane e glielo mette accanto al letto. (T3)	A esposa dá à luz um menino, mas a sogra, em conluio com a comadre, pega um cão e coloca-o na cama, ao lado da nora .
Così morì il capo ed altri cinque o [...] (T3)	Assim morreram o chefe e outros cinco assassinos [...]
Una donna aveva una figlia e una figliastra, e questa figliastra la teneva come un ciuco da fatica, e un giorno o la mandò a cogliere cicorie. (T4)	Uma mulher tinha uma filha e uma enteada, e tratava essa enteada como um burro de carga. Um dia a mulher mandou a enteada sair para colher chicória.
Il Bracciere di mano dritta in tanto tempo che stava alla Corte mai aveva potuto conoscere questo bel viso, e ne aveva quasi dispetto. (T5)	O escudeiro do lado direito, em todos estes anos dentro da corte, jamais havia conseguido ver o rosto dessa bela mulher, o que quase lhe causava despeito.

Em italiano (LP), é muito comum a condição *pro-drop* — na qual certos pronomes (no presente caso, o pronome sujeito) podem ser omitidos quando for possível inferi-los pelo contexto, como, por exemplo, pela conjugação —, ao passo que, em português brasileiro (LC), apesar de possível, ela é menos usual. Da mesma forma, a LP conta com um extenso uso dos pronomes diretos e indiretos em contextos em que, na LC, normalmente são empregadas repetições do pronome sujeito e de outras formas lexicais, ou mesmo de sintagmas inteiros. Além disso, em determinados casos, a LP tende a utilizar, para fins de coesão, pronomes indicativos que não são utilizados da mesma maneira na LC, sendo omitidos (\emptyset) no TC. Por fim, foram adicionados elementos de coesão no TC em contextos em que o TP simplesmente não os apresenta (isto é, em que não é possível individuar um elemento no TP que seria equivalente ao inserido no TC), como conjunções, pronomes relativos e formas verbais e nominais.

Tabela 10 — Estratégia G9: Mudança de nível

— Non ha mica visto i miei fratelli, che il Diavolo se li è portati via? (T3)	— O senhor não teria visto os meus irmãos, que o Diabo carregou para longe?
No TP, o grau de formalidade é evidenciado pela conjugação do verbo, que se refere ao pronome de tratamento “Lei”. Na LC, a simples conjugação do verbo não indicaria esse grau de formalidade, sendo necessário evidenciar um pronome de tratamento.	

Tabela 11 — Estratégia G10: Mudança de esquema

Fecero tanto lusso e spatusso Ma io ero dietro l’ uscio , Per mangiare andai all’ osteria E così finisce la storia mia . (T1)	Houve lá tanto luxo e ostentação , E eu, a observar tudo do balcão . Para desjejuar, só um prato de chicória , E assim termina a minha história .
La ragazza va e va , e [...] Tira il cavolfiore, tira, tira , e [...] (T4)	A garota anda que anda e [...] Puxa que puxa a couve-flor e [...]
Chi ha lavorato venga a mangiare , chi non ha lavorato venga a guardare ! (T4)	Quem trabalhou, que venha comer ! Quem não trabalhou, que venha ver !
Vigna ero e vigna son ; Ero potata e più non son ; E non so per qual cagion Non mi pota il mio padron . (T5)	Vinha eu era e vinha sou , Era podada e já não o sou ; E não sei por qual razão Não me poda o meu patrão .
Vigna eri, vigna sei ; Eri potata, or più non sei ;	Vinha eras, vinha és , Eras podada, já não o és ;

Per la granfia del leon , Non ti pota il tuo padron . (T5)	É pela garra do leão Que não te poda o teu patrão .
Di questa vigna che voi dite , Alzai il pampino, guardai la vite , Ma non la colsi né la toccai , Per la Corona che m'incoronai ! (T5)	Dessa vinha de que escuto , Afastei a folha, admirei o fruto , Mas não o colhi, nem mesmo o toquei , Pela honra da coroa com que me fiz rei !
Em todos os trechos apresentados, o objetivo era manter a rima no TC. Para tanto, quando não foi possível a tradução mais literal do léxico, priorizou-se a sonoridade, tendo-se tido, no entanto, o cuidado de utilizar léxico semanticamente relacionado ao presente no TP. Também são realizadas mudanças sintáticas de outras naturezas, tudo em prol da manutenção do esquema de rimas.	
A San Giuseppe diceva tutte le orazioni, a San Giuseppe accendeva il cero, per San Giuseppe faceva le elemosine [...] (T2)	Fazia todas as orações para São José , acendia velas para São José e dava esmolas por São José .
Aqui, manteve-se no TC a repetição de “a/per San Giuseppe”, porém com uma inversão na frase. Em português brasileiro (LC), apesar de também serem usuais, as inversões e certas topicalizações são menos comuns do que em italiano (LP).	

Tabela 12 — Estratégia S1: Sinonímia

Dalla finestra del solaio, la ragazza guardava nel giardino del Re , e c'era il figlio del Re che giocava alla palla. (T1)	Pela janela do sótão, a garota olhava o jardim do rei , e lá estava o príncipe jogando bola.
Nesta fábula, o personagem sempre é referido como “filho do rei”. Aqui, com o uso de um sinônimo, evitou-se a repetição de “rei” na frase.	
— Oh, insomma, o lo lasci entrare, o io mi prendo su mia moglie e il mio bambino e vado a impiantare il Paradiso da un'altra parte. (T2)	— É o seguinte: ou o deixa entrar, ou eu pego minha mulher e meu filho e vou colocar o Paraíso em outro lugar.
Em conformidade com o tom mais coloquial do diálogo, utilizou-se “mulher” em vez de “esposa”. Pelo mesmo motivo, preferiu-se “colocar” no lugar de “implantar”.	
La povera giovane vedeva e sentiva tutto e si disperava, ma pensava alla condanna dei fratelli e si faceva forza di tacere. (T3)	A pobre garota via e escutava tudo e desesperava-se, mas pensava na danação dos irmãos e criava forças para permanecer calada.
“Pobre jovem” não seria semanticamente estranho, mas soa menos comum do que “pobre garota”. “Danação”, por sua vez, é mais específico do que “condenação”, pois faz referência à condenação às penas do Inferno, conforme utilizado na religião cristã.	

E quando a mezzanotte gli assassini si trovarono al portone del palazzo ed entrarono a uno a uno, i servitori barricati e nascosti là dentro a uno a uno li uccidevano . (T3)	E, à meia-noite, quando os assassinos chegaram ao portão do palácio e um a um entraram, um a um os guardas, escondidos detrás de barricadas, abateram-nos .
A tradução mais óbvia “matavam-nos” não combinaria com o estilo geral do texto. Preferiu-se um sinônimo mais ameno, mais metafórico.	

Tabela 13 — Estratégia S3: Hiponímia/hiperonímia

E quando a mezzanotte gli assassini si trovarono al portone del palazzo ed entrarono a uno a uno, i servitori barricati e nascosti là dentro a uno a uno li uccidevano. (T3)	E, à meia-noite, quando os assassinos chegaram ao portão do palácio e um a um entraram, um a um os guardas , escondidos detrás de barricadas, abateram-nos.
“Servidor” ou “serviçal” seriam termos bastante genéricos aqui, podendo até mesmo remeter a um indivíduo que se ocupa apenas dos serviços de casa. “Guardas” é um hipônimo (ou seja, é mais específico), mais coerente com a função de cuidar da segurança.	
[...] e a uno infornò le pagnotte . [T3]	[...] para o último, colocou os pães no forno.
“Pagnotte” normalmente designa um tipo de pão de formato redondo. Aqui, não se encontrando uma palavra adequada para o mesmo conceito, preferiu-se utilizar o hiperônimo “pães”, mais genérico, que não traz qualquer prejuízo ao texto.	
[...] da una parte era pieno di roba di seta, dalle vesti agli scarpini [...] (T3)	De um lado, estava cheio de artigos de seda, desde vestidos até sapatinhos [...]
“Coisas de seda” seria muito genérico, tendo-se preferido “artigos de seda”, o que também confere uma ideia mais elegante, de status mais elevado. Na segunda parte, optou-se por “vestidos”, mais específico do que “vestes” ou “vestimentas”. A expressão “desde... até” já daria margem para entender que há diversos tipos de vestimentas.	

Tabela 14 — Estratégia S4: Contrários

Di questa vigna che voi dite , Alzai il pampino, guardai la vite [...] (T5)	Dessa vinha de que escuto , Afastei a folha, admirei o fruto [...]
Aqui, houve a conversão dos verbos dizer-escutar. O objetivo final, no entanto, era a manutenção da rima, em conformidade com a estratégia G10.	

Tabela 15 — Estratégia S5: Mudança de abstração

— Perché va a morte quel giovane? (T3)	— Por que vai para a força aquele jovem?
---	---

“Forca” é mais concreto do que “morte”. “Vai para a morte” soa incomum na LC.	
Si mise a cavallo coi suoi Cavalieri e passò sotto al palazzo del Bracciere manco. (T5)	Pôs-se a cavalo com os seus cavaleiros e passou em frente à residência do escudeiro do lado esquerdo.
“Residência” é mais abstrato do que “palácio”. Na LC, o conceito de palácio não ficaria bem neste contexto, pois entende-se que palácio é a residência de um soberano. Na LP, a palavra tem mais acepções.	

Tabela 16 — Estratégia S6: Mudança de distribuição

Andò via, ma prima di partire lasciò in dono alla ragazza tre sorti [...] (T1)	Foi embora da casa, mas, antes de partir, concedeu à garota três dádivas [...]
Compressão de “lasciò in dono” em apenas “concedeu”. Além de mais sucinto, o verbo “conceder” parece combinar melhor com “dádivas”.	
Poco tempo dopo, la Regina partorì e fece uno scorpione. (T1)	Pouco tempo depois, a rainha pariu um escorpião.
Compressão de “partorì e fece” em apenas “pariu”. “Pariu e teve um escorpião” pode parecer redundante na LC; neste contexto, “pariu um escorpião” é suficiente.	
Lascia che vadano via, poi va a vedere donde sono usciti, e trova un gran tavola imbandita . (T3)	Espera irem embora, depois vai ver de onde saíram e encontra uma grande mesa abundantemente servida .
Em não se encontrando um adjetivo equivalente na LC, optou-se por expandir o sentido em dois elementos.	
[...] a un altro prese in mano i panni sporchi e l’aiutò a lavare [...] (T4)	[...] de outro gato, pegou as roupas sujas e ajudou-o a lavá-las [...]
Compressão de “prese in mano” em apenas “pegou”. “Pegou na mão” não seria exatamente redundante na LC, mas pode parecer muito coloquial.	
[...] a quello che cuciva sfilò l’ago [...] (T4)	[...] tirou a linha da agulha daquele que estava costurando [...]
Em não se encontrando um verbo equivalente na LC, expandiu-se o significado de “sfilò” em “tirou a linha”.	

Tabela 17 — Estratégia S7: Mudança de ênfase

[...] invece di cicoria trova un cavolfiore: un bel cavolfiore grosso grosso . (T4)	[...] em vez de chicória, a garota encontra uma couve-flor: uma bela couve-flor bem graúda .
No TP, a ênfase se dá pela repetição do adjetivo. No TC, por sua vez, a ênfase se dá pelo advérbio. A repetição soaria estranho na LC.	

Tira il cavolfiore, tira, tira, e quando finalmente ø lo sradicò, in terra s'aperse come un pozzo. (T4)	Puxa que puxa a couve-flor e, quando finalmente conseguiu arrancar a raiz da terra, abriu-se ali uma espécie de poço.
No TC, com “finalmente conseguiu”, foi adicionada ênfase ao esforço que faz a personagem. Veja-se que, no TP, o verbo “tira” é utilizado três vezes, conferindo uma ideia semelhante. No TC, essa repetição foi reduzida.	

Tabela 18 — Estratégia S8: Paráfrase

Allora il Re mandò fuori il bando che tutte le ragazze da marito venissero al giardino, pena la testa [...] (T1)	Dessa forma, o rei decretou que todas as garotas em idade de se casar viessem até o jardim — sob a pena de perder a cabeça quem desobedecesse [...]
As opções no TC são muito mais explicativas do que no TP, uma vez que não foi encontrado um modo de dizer igualmente sucinto e satisfatório na LC para ambas.	

Tabela 19 — Estratégia S9: Mudança de tropo

La ragazza lasciò il cesto e, gambe aiutami! , scappò via [...] (T1)	A garota deixou ali a cesta e pernas, para que te quero! , saiu correndo.
As expressões da LP e da LC não são lexicamente idênticas, mas são facilmente identificáveis como equivalentes.	
[...] che piangendo le cadessero lacrime di perle e argento, che ridendo le cadessero dal capo chicchi di melagrana d'oro, e che lavandosi le mani le uscissero di tra le dita pesci d'ogni qualità. (T1)	[...] ao chorar, que jorrassem de seus olhos lágrimas de pérola e prata; ao rir, que despencassem da sua cabeça grãos de romã feitos de ouro; ao lavar as mãos, que brotasse entre seus dedos toda sorte de peixes.
A intenção aqui foi utilizar no TC verbos mais expressivos, até mesmo mais metafóricos (S9).	
Ma i bambini non gli danno retta e continuano ad attaccarsi alle sue gambe. (T3)	Mas as crianças não lhe dão ouvidos e continuam agarradas às suas pernas.
As expressões da LP e da LC não são lexicamente idênticas, mas são facilmente identificáveis como equivalentes. Expressões alternativas seriam “não dar bola” e “não ligar”.	
Invenenito com'era, il padre grida [...] (T3)	Inflamado como estava, o pai grita [...]
Alternativas poderiam ser “encolerizado” ou “cheio de cólera”. Optou-se, porém, por uma expressão que, na LC, utiliza outro campo semântico: “invenenito” deriva de “veneno” (veneno) e é sinônimo de “inviperito”, que deriva de “vipera” (víbora). Apesar de “inflamado” evocar uma imagem diferente, combina mais com o contexto Diabo/Inferno.	
[...] ma bada che ne passerai di tutti i colori . (T3)	Mas tenha cuidado, pois vai passar maus bocados .

No TC, é utilizada uma expressão idiomática diferente. De fato, não foi possível encontrar uma expressão similar em relação à metáfora e ao léxico na LC.	
La madre, l'indomani, non vedeva l'ora di mandarci quella mangiapane di sua figlia. (T4)	A mãe, no dia seguinte, não via a hora de mandar para aquele mesmo lugar a come-e-dorme da sua filha.
A opção no TC é uma expressão bastante recorrente na LC, apesar de trazer também uma ideia (“dorme”) não presente na expressão da LP. Ambas as expressões, no entanto, conferem a ideia de que a garota era um fardo para a mãe.	
Quando arrivò a casa così conciata, più brutta di una scoppiettata , la mamma ne ebbe tanta rabbia che morì . (T4)	Quando chegou em casa naquele estado, mais feia do que um canhão , a mãe sentiu tanta raiva, que caiu morta .
Para o primeiro caso, há uma infinidade de expressões equivalentes na LC. No entanto, como nenhuma delas é totalmente equivalente no que diz respeito ao léxico, escolheu-se aquela que era mais próxima semanticamente (relacionada a arma de fogo). Já no segundo caso, apesar de não haver uma expressão idiomática no TP (diz-se simplesmente “morì”), foi inserida uma no TC, tornando a imagem do trecho mais rica.	
Dài oggi, dài domani, il Re cominciò a non stare più nella pelle dalla voglia di vedere anche lui questa bellezza. (T5)	Passa hoje, passa amanhã, e o rei já não cabia em si de vontade de apreciar pessoalmente aquela beleza.
As expressões da LP e da LC não são lexicamente idênticas, mas são facilmente identificáveis como equivalentes pelo uso da mesma linguagem figurada.	
[...] la povera Principessa che s'era andata tanto smoccolando che pareva una candela . (T5)	A pobre senhora, completamente abatida .
Em não tendo sido possível encontrar uma expressão equivalente na LC, optou-se por uma mais simples e mais explicativa, porém menos visualmente expressiva.	
[...] e quatta quatta l'accompagnò dove la sua Signora riposava. (T5)	A mulher acompanhou-o, andando nas pontas dos pés , até os aposentos onde sua senhora estava repousando.
A expressão da LC pode significar que a personagem não fazia qualquer tipo de barulho, seja de fala ou de movimentos. A expressão usada no TC, por sua vez, não traz a ideia de que a personagem estava calada, mas apenas de que não fazia movimentos bruscos e barulhentos. Esta última, no entanto, é mais visualmente expressiva.	

Tabela 20 — Estratégia S10: Outras mudanças semânticas

[...] insomma non vedeva altro che San Giuseppe. (T2)	Em suma, não pensava em nada além de São José.
Substituição de um verbo sensorial (visual) no TP por um verbo de pensamento no TC.	

Si mise a cavallo coi suoi Cavalieri e passò sotto al palazzo del Bracciere manco. (T5)	Pôs-se a cavalo com os seus cavaleiros e passou em frente à residência do escudeiro do lado esquerdo.
Na LP, é comum a expressão “sotto casa/palazzo” (debaixo da casa/do palácio/do prédio) para se referir a “em frente” ou mesmo a “ao lado”. Na LC, a tradução mais literal não funcionaria tão bem, apesar de não ser de todo incomum.	
Ora voglio solo che tu mi faccia vedere in viso la Principessa , e me ne vado. (T5)	Agora quero somente que me deixes ver o rosto de tua senhora , e depois me vou.
— Signora Principessa , ma che maniera è questa d’esser sempre malinconica [...] (T5)	— Minha senhora — dizia-lhe a camareira —, mas como podeis estar assim, sempre melancólica,
— Sapete, Maestà, quella rara bellezza della Principessa moglie del Bracciere di mano manca? (T5)	— Sabeis, Majestade, aquela rara beleza da o esposa do escudeiro do lado esquerdo?
Assim como na estratégia S5 em que “palazzo” foi traduzido como “residência”, dada a acepção de “palácio” na LC, também “princesa” tem sentido mais restrito na LC, referindo-se à filha de um rei/soberano. Para evitar uma ambiguidade ou estranhamento, essa personagem sempre é referida no TC como “senhora” ou “esposa do escudeiro”.	

Tabela 21 — Estratégia Pr1: Filtragem cultural

Il cavallante le andò a vendere e fece più di mille lire [...] (T1)	O homem foi vendê-las e conseguiu mais de mil libras .
Aqui, optou-se por manter a antiga unidade monetária italiana, como uma forma de estrangeirização. Visto que estas se tratam, justamente, de fábulas italianas, a domesticação seria uma escolha pouco adequada. Uma alternativa razoável seria fazer a neutralização desse elemento, dizendo que o personagem conseguiu “X moedas” ou “muito dinheiro”, por exemplo.	

Tabela 22 — Estratégia Pr2: Mudança de explicitação

Quanto sentì dare il picchio o e vide la biscia [...] (T1)	Quando ouviu a batida debaixo da terra e viu a cobra [...]
[...] e la ragazza se la mise nel o grembiule. (T1)	Assim, a garota colocou-a no bolso do avental [...]
Un Re a caccia o la trovò lì addormentata. (T3)	Um rei que estava caçando no bosque encontrou-a adormecida.

La giovane si buttò ginocchioni e giunse le mani ø con le lacrime agli occhi. (T3)	A jovem pôs-se de joelhos e uniu as mãos em súplica , com lágrimas nos olhos.
L'indomani la portano sul palco ø e lei, dal primo scalino fa segno che invece delle tre si aspetti le quattro ø . (T3)	No dia seguinte, conduzem-na até a plataforma da forca , e ela, do primeiro degrau, faz sinal de que, em vez das três, esperem até as quatro da tarde .
— Adesso vattene, e mentre esci, ficca le dita nei buchi ø e poi alza la testa in aria. (T4)	— Agora vá e, quando sair, coloque os dedos nos buracos do muro lá fora e depois erga a cabeça para o céu.
— Maestà, sapeste che bella Signora ha ø il Bracciere di mano manca! (T5)	— Majestade, se soubésseis que bela senhora tem por esposa o escudeiro do lado esquerdo!
Suonò il campanello e venne ø la cameriera. (T5)	Tocou a campainha, e veio atender a camareira.
[...] e quatta quatta l'accompagnò ø dove la sua Signora riposava. (T5)	A mulher acompanhou-o, andando nas pontas dos pés, até os aposentos onde sua senhora estava repousando.
Em todos estes exemplos, são explicitados elementos que tornam seus respectivos trechos mais detalhados, mais explicativos, mais coesos ou simplesmente mais naturais na LC.	
Così morì il capo ed altri cinque ø ; tutti gli altri chi di qua chi di là, presero la fuga, e lasciarono lì sola la giovane, vestita da assassino pure lei . (T3)	Assim morreram o chefe e outros cinco assassinos; todos os demais debandaram, deixando-a ali sozinha, vestida de assassino.
O primeiro caso, bem como nos exemplos anteriores, explicita algo (neste caso, quem são os “outros cinco”). No segundo caso, por sua vez, é omitido (implicitado) um elemento que, além de facilmente inferível, talvez soasse pouco natural na LC.	

Tabela 23 — Estratégia Pr4: Mudança interpessoal

— Giacché sono venuto fin qua, — disse il devoto di San Giuseppe, — lasciate almeno che lo veda. (T2)	— Já que vim até aqui — disse o devoto de São José —, deixe ao menos que eu o veja.
No T2, utiliza-se “voi” como pronome pessoal de formalidade, algo que não existe na LC. Existem outras formas de indicar um tratamento formal na LC, mas elas não pareciam caber nesta frase. Neste caso, foi utilizado o pronome de tratamento “você”, que atualmente não tem valor de formalidade na LC.	
— Perché dice che ho pregato solo voi , e non gli altri Santi. (T2)	— Porque diz que rezei apenas para o senhor , e não para os outros santos.

— Non ha mica visto i miei fratelli, che il Diavolo se li è portati via? (T3)	— O senhor não teria visto os meus irmãos, que o Diabo carregou para longe?
No T2, a formalidade é marcada com o pronome “voi”; já no T3, com o pronome “Lei”. Como mencionado na análise do trecho anterior, não existe um pronome pessoal de formalidade na LC. Nestes dois casos, no entanto, foi possível inserir o pronome de tratamento “o senhor”.	
— Maestà, sapeste che bella Signora ha il Bracciere di mano manca! (T5)	— Majestade, se soubésseis que bela senhora tem por esposa o escudeiro do lado esquerdo!
— E così, come avete passato la vostra vita, Signora Principessa? (T5)	— E então, como passastes a vossa vida, senhora?
No T5, um contexto medieval com diálogos entre pessoas de diferentes estratos sociais, considerou-se relevante a marcação dos níveis de formalidade por meio dos pronomes. Para tanto, para indicar formalidade, utilizou-se o pronome pessoal “vós”, um pronome atualmente obsoleto na LC.	
— Devo parlare alla vostra Signora. — E che volete dalla mia Signora? (T5)	— Preciso falar com a vossa senhora. — E o que desejais da minha senhora?
— Non fa niente, — disse il Re, — ho visto che sei donna fedele. Ora voglio solo che tu mi faccia vedere in viso la Principessa, e me ne vado. (T5)	— Não há problema — disse o rei —, vi que és uma mulher fiel. Agora quero somente que me deixes ver o rosto de tua senhora, e depois me vou.
Ainda quanto ao T5, se o pronome utilizado para indicar formalidade no TC foi “vós”, optou-se por “tu” para indicar uma relação mais informal ou de menos respeito. No T5, a maioria dos personagens utiliza o tratamento formal. Nos presentes trechos, um diálogo entre um estranho que bate à porta de uma residência e uma camareira, lida-se com pessoas que não se conhecem e que, inicialmente, tratam-se formalmente. Quando o estranho revela ser o rei, porém, passa a tratar a camareira informalmente (ou com menos respeito, dada a hierarquia), utilizando o pronome “tu”, tanto no TP como no TC.	

Tabela 24 — Estratégia Pr5: Mudança ilocucionária

Ah, figuriamoci, cos’importa , vieni dentro lo stesso. (T2)	— Ah, imagine, não importa . Entre assim mesmo.
A pergunta retórica do TP foi traduzida como um ato de fala assertivo negativo no TC.	

4.2 RESULTADOS

Das 30 estratégias de tradução apresentadas por Chesterman, foram identificadas 22 na tradução das fábulas. Não foi identificado o uso das estratégias G2, S2, Pr3 e Pr6-Pr10. Vale lembrar que uma estratégia apenas tem esse caráter quando aplicada de modo consciente pelo tradutor. Um leitor que fizesse o cotejo do TP com o TC poderia encontrar trechos na tradução que identificaria como motivados pelas demais 8 estratégias. Sendo a aplicação da estratégia um comportamento do tradutor em face de um problema tradutório, caberia apenas a ele confirmar se operou ou não, no momento da tradução, um comportamento estratégico.

Entre todas as estratégias, há seis que merecem atenção por sua grande recorrência e relevância: três estratégias sintáticas (G), uma semântica (S) e duas pragmáticas (Pr). A estratégia sintática G5 trata de mudanças referentes a sintagmas, e a questão mais relevante quanto a essa estratégia que surgiu durante o processo de tradução foi como a LC e a LP lidam com os artigos. Como mencionado durante a análise (Tabela 6), a LP utiliza artigos determinados em casos em que eles não são utilizados na LC. Uma reprodução descuidada desse artigo determinado na LC poderia causar confusão ao leitor, conferindo a ideia de que se está falando de algo específico, já mencionado, quando, na realidade, pode-se estar falando de algo genérico, indeterminado.

A estratégia G8, que trata de mudanças de coesão, diz respeito a algo importante não apenas em traduções, mas em qualquer tipo de texto. No par de línguas de interesse aqui, há duas questões que merecem ser mencionadas. A primeira é que tanto a LP como a LC apresentam o fenômeno *pro-drop*, e, assim, seria possível identificar o sujeito de uma oração apenas pela conjugação do verbo. O fenômeno, no entanto, é muito mais recorrente na LP; na LC, existe a tendência de evidenciar o pronome sujeito, sob o risco de a oração ou frase soar pouco natural ou até mesmo de causar problemas de referenciação no caso de sua omissão. Já a segunda questão diz respeito ao uso dos pronomes diretos e indiretos, muito menos usual na LC, na qual a referenciação é frequentemente suprida pelo uso do pronome sujeito, do nome próprio, de um pronome demonstrativo, de um sintagma, de léxico.

Por sua vez, a estratégia G10 refere-se à mudança de esquemas e, na tradução das fábulas, foi utilizada para trabalhar com repetições e rimas. Apesar de não ser a mais recorrente das estratégias sintáticas, ela se demonstra importante, sobretudo, no texto T5, que conta com sequências de versos rimados.

Passando à semântica, houve uma ampla aplicação da S9, que diz respeito à mudança de tropo. Essa estratégia é especialmente importante em um texto, como frequentemente é o caso das fábulas, que apresenta uma quantidade considerável de expressões figuradas. Apesar de a prioridade ter sido sempre o sentido dessas expressões, procuraram-se, na LC, soluções que utilizassem o mesmo léxico que na LP — ou, ao menos, léxico semanticamente relacionado.

Quanto às estratégias pragmáticas, o amplo uso da Pr2, que diz respeito à explicitação de informações, não parece ter relação com o par de línguas em questão, tampouco com o tipo de texto trabalhado. A intenção foi simplesmente tornar o texto mais claro e, em conjunto com a estratégia G8, mais coeso.

Já o uso da estratégia Pr4, de mudança interpessoal, está claramente ligado a uma característica do par de línguas aqui considerado. Na LP, o tratamento interpessoal formal se dá pelo uso dos pronomes sujeito *Lei* ou *voi* e suas respectivas conjugações verbais. Na LC, atualmente, não há um pronome sujeito que cumpra essa função, a qual é transferida, de modo geral, para pronomes de tratamento, como “o senhor” e “a senhora”. Em um caso específico, a fábula “Il bracciere di mano manca”, contudo, optou-se pelo uso do pronome pessoal “vós” — obsoleto em português brasileiro moderno — para indicar o tratamento formal, considerando-se que estaria apropriado para uma história ambientada em época medieval.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de tradução, na condição de memes que se difundem entre tradutores que atestam sua aplicabilidade, são, por definição, formuladas em modo pouco rígido. A classificação proposta por Chesterman, no entanto, além de descrever possibilidades para cada estratégia, fornece diretrizes úteis ao tradutor que deseje ter uma base mais formal para refletir sobre suas escolhas de tradução.

Entre as estratégias sintáticas, as de uso mais recorrente são G5 (mudança no sintagma) e G8 (mudança de coesão), que visam, respectivamente, a trabalhar com diferenças gramaticais específicas entre as duas línguas aqui abordadas e a tornar o TC mais claro e fluido. Há uma forte presença também da estratégia G10 (mudança de esquema), sobretudo para pensar a tradução de sequências rimadas.

Dado o gênero dos textos aqui trabalhados, recebe destaque entre as estratégias semânticas a S9 (mudança de tropo), tendo sido a estratégia que mais claramente impôs problemas (problemas, aqui, conforme a acepção de Chesterman) durante o processo de tradução.

Das estratégias pragmáticas, por sua vez, apenas três foram utilizadas, tendo tanto a estratégia Pr2 (mudança de explicitação) como a Pr4 (mudança interpessoal) uma forte presença — a primeira, juntamente à estratégia G8, operando em prol da clareza do texto; a última, sobretudo, no texto T5, trabalhando com o nível de formalidade nos diálogos. A utilização de uma variedade tão limitada das estratégias pragmáticas não significa que elas são menos relevantes do que as outras, mas apenas que não foram necessárias nos textos trabalhados.

Durante os processos de tradução e revisão das fábulas, as estratégias sintáticas foram as que se demonstraram mais controversas, tendo gerado, ao menos, dois questionamentos ainda sem resposta: Uma vez considerada a “estratégia padrão”, seria a tradução literal realmente um comportamento estratégico? As mudanças sintáticas em geral que ocorrem durante a tradução de um texto são realmente estratégias ou são consequências naturais de quando se trabalha com dois sistemas linguísticos diferentes? Embora esses questionamentos possam ser pouco relevantes para a tradução como produto, podem ser importantes para o tradutor que deseje refletir sobre sua prática.

As estratégias compiladas por Chesterman dizem respeito ao comportamento do tradutor unicamente durante o processo de tradução. No entanto, pode-se pensar no benefício que elas podem trazer também em um segundo momento: a revisão. Muitas das estratégias aplicadas na tradução das fábulas apenas vieram a ser aplicadas durante essa etapa. Quando se

realiza a revisão da tradução com cotejo entre o TP e o TC, pode-se refletir sobre as escolhas feitas durante o primeiro momento. A mudança realizada no TC teve uma motivação válida ou foi supérflua? Ela respeita a sintaxe da LC? Causa algum tipo de estranhamento semântico? É pragmaticamente relevante para o leitor? Esses e outros eventuais questionamentos que possam surgir durante o processo de revisão podem se valer das estratégias de tradução como ferramentas de controle de qualidade.

Embora as estratégias de tradução sejam formuladas de modo elástico, demonstra-se útil conhecer e reconhecer suas possibilidades de aplicação, informar-se sobre o que os colegas da área consideram válido e saber o que é e o que não é bem recebido pelo leitor. Assim, tendo em vista a noção de memes como agentes replicadores de ideias, espera-se que as reflexões resultantes deste exercício de tradução e da leitura de Chesterman possam colaborar com outros tradutores, sobretudo do par linguístico italiano-português brasileiro, que busquem, de alguma forma, sistematizar estratégias para as suas próprias práticas de tradução.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Sinara de Oliveira. **The application of Chesterman's (1997 & 2000) translation strategies to the analysis of translated online news reports following Nord's (1991 & 1997) functionalist approach**, 2007, 439 p. Tese (Doutorado em Letras – Línguas Inglesa e Linguística Aplicada Linha de Pesquisa Tradução) — Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89846/244023.pdf?...1>>. Acesso em 25 jul 2017.

CALVINO, Italo. La biscia. In: _____. **Fiabe italiane**. 15. ed. Milão: Mondadori Editore, 2006.

_____. Il devoto di San Giuseppe. In: _____. **Fiabe italiane**. 15. ed. Milão: Mondadori Editore, 2006.

_____. Muta per sette anni. In: _____. **Fiabe italiane**. 15. ed. Milão: Mondadori Editore, 2006.

_____. La fiaba dei gatti. In: _____. **Fiabe italiane**. 15. ed. Milão: Mondadori Editore, 2006.

_____. Il bracciere di mano manca. In: _____. **Fiabe italiane**. 15. ed. Milão: Mondadori Editore, 2006.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of translation: the spread of ideas in translation theory**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Filadélfia, 1997.

APÊNDICES

A COBRA (*Monferrato*)

Um camponês saía para cortar a grama todos os dias, e, a cada dia, ao meio-dia, uma das suas três filhas levava-lhe o almoço. Um dia foi a primeira. Quando estava no bosque, sentindo-se cansada, sentou-se em uma pedra para descansar. Logo que se sentou, ouviu uma forte batida na terra, e, debaixo da pedra, saiu uma cobra. A garota deixou ali a cesta e pernas, para que te quero!, saiu correndo. Naquele dia, o pai ficou de barriga vazia. Quando voltou para casa, xingou as filhas.

No dia seguinte, foi a vez da segunda filha. Sentou-se na pedra, e aconteceu o mesmo: pernas, para que te quero! Eis que a terceira filha disse:

— Minha vez, minha vez! Eu não tenho medo.

Desta vez, no lugar de uma cesta de comida, a garota levou consigo duas. Quando ouviu a batida debaixo da terra e viu a cobra, deu-lhe uma das cestas de comida, e a cobra lhe disse:

— Leve-me para casa com você, e lhe trarei sorte.

Assim, a garota colocou-a no bolso do avental, levou a outra cesta para o pai e depois voltou para casa e escondeu a cobra debaixo da cama. A cobra crescia a cada dia que passava, até o ponto de não caber mais ali. Foi embora da casa, mas, antes de partir, concedeu à garota três dádivas: ao chorar, que jorrassem de seus olhos lágrimas de pérola e prata; ao rir, que despencassem da sua cabeça grãos de romã feitos de ouro; ao lavar as mãos, que brotasse entre seus dedos toda sorte de peixes.

Naquele dia, não havia nada para comer em casa, e o pai e as irmãs estavam desesperados por causa do jejum. Ela logo experimentou lavar as mãos, e a bacia encheu-se de peixes. As irmãs ficaram com inveja e convenceram o pai de que havia algo de estranho ali e de que seria melhor trancar a garota no sótão.

Pela janela do sótão, a garota olhava o jardim do rei, e lá estava o príncipe jogando bola. Enquanto jogava, deu um escorregão e caiu no chão, e a garota caiu na risada. Ao rir, versou uma chuva de grãos de romã feitos de ouro. O filho do rei não conseguiu entender de onde haviam surgido, pois a garota havia fechado a janela logo em seguida.

No dia seguinte, de volta ao jardim para jogar bola, o filho do rei viu que havia nascido ali uma romãzeira, já alta e carregada de frutos. Faz menção de colher uma romã, mas a árvore

crecia só de olhar para ela, e bastava levantar uma mão para que os ramos se erguessem mais um palmo. Visto que ninguém conseguia pegar nem mesmo uma folha daquela árvore, o rei mandou reunir os sábios para que lhe explicassem aquele encanto. O mais velho deles disse que os frutos daquela árvore apenas poderiam ser colhidos por uma garota, e aquela viria a ser a esposa do filho do rei.

Dessa forma, o rei decretou que todas as garotas em idade de se casar viessem até o jardim — sob a pena de perder a cabeça quem desobedecesse —, para que tentassem colher aquelas romãs. Compareceram garotas de todas as origens, porém, para alcançar aqueles frutos, não havia escada que servisse. Vieram também as duas filhas mais velhas do camponês, que despencaram da escada de pernas para o ar. O rei mandou revistar as casas para ver se encontravam outras garotas, e assim descobriram a outra filha do camponês trancada no sótão. Logo que a conduziram até a árvore, seus ramos curvaram-se e puseram em suas mãos uma romã.

— Eis a esposa! Eis a esposa! — gritaram todos, a começar pelo filho do rei.

Foi preparada a celebração do matrimônio, e as irmãs, invejosas, também haviam sido convidadas para a festa. Iam as três juntas na mesma carruagem, quando, no meio do bosque, pararam. As duas mais velhas fizeram a mais jovem descer, cortaram suas mãos, arrancaram seus olhos e deixaram-na em um arbusto para morrer. A mais velha pôs o vestido de noiva e apresentou-se ao filho do rei. Ele não entendia como é que ela havia ficado tão feia, mas, já que era um pouco parecida com a garota que ele tinha em mente, imaginou que se havia enganado, pensando que fosse tão bela.

A garota sem olhos e sem mãos ficou no bosque, chorando. Passou por ali um tratador de cavalos e teve compaixão dela. Ajudou-a a subir na garupa do seu burro para levá-la para sua casa. Ela lhe disse para olhar para o chão: estava cheio de pérolas e prata, que eram as lágrimas da garota. O homem foi vendê-las e conseguiu mais de mil liras. Dessa forma, vivia contente, mesmo que aquela garota sem olhos e mãos não pudesse trabalhar e ajudar a família.

Um dia, a garota ouve uma cobra que se enrola em sua perna: era a cobra sua amiga.

— Sabia que sua irmã se casou com o filho do rei e tornou-se rainha, porque o velho rei morreu? Agora está esperando um filho e tem desejo de comer figos — disse-lhe a cobra.

A garota disse ao tratador de cavalos:

— Coloque uma carga de figos na garupa do burro e leve-os para a rainha.

— E como é que encontro figos nesta época? — perguntou o homem. De fato, encontravam-se em pleno inverno.

Na manhã seguinte, no entanto, quando foi à horta, encontrou a figueira sem nenhuma folha, mas carregada de frutos. Encheu duas cestas com figos e carregou-as na garupa do burro.

— Quanto será que posso pedir por figos no inverno? — perguntou o homem.

— Deve pedir um par de olhos — respondeu a garota.

E assim ele fez, mas nem a rainha, nem o rei, nem sua irmã queriam arrancar os próprios olhos. Então as irmãs cochicharam entre si:

— Podemos dar para ele os olhos da nossa irmã! De qualquer forma, não nos servem para nada.

Desse modo, compraram os figos, usando aquele par de olhos como pagamento. O tratador de cavalos levou os olhos para a garota, que os colocou no seu devido lugar e voltou a enxergar como antes.

Em seguida, a rainha teve desejo de pêssegos, e o rei mandou chamar aquele tratador de cavalos para ver se poderia encontrar pêssegos no inverno, como havia feito com os figos. Na manhã seguinte, na sua horta, encontrou o pessegueiro cheio de frutos, e ele, sem perder tempo, levou uma carga de pêssegos para a corte. Perguntaram-lhe quanto queria.

— Um par de mãos — respondeu o homem.

Contudo, ninguém estava disposto a cortar as próprias mãos, mesmo que fosse para agradar o rei. E as irmãs, falando entre si:

— Podemos dar para ele as mãos da nossa irmã.

Quando a garota recuperou suas mãos, prendeu-as nos braços e curou-se.

Pouco tempo depois, a rainha pariu um escorpião. Ainda assim, o rei mandou dar uma festa e convidar todos. A irmã mais nova vestiu-se de rainha, e era a mais bonita da festa. O rei apaixonou-se por ela e, dessa forma, finalmente compreendeu que aquela era a sua verdadeira noiva. A garota riu, e dela despencaram grãos de romã feitos de ouro. Chorou, e jorraram pérolas dos seus olhos. Lavou as mãos em uma bacia, e encheu-a de toda sorte de peixes. E assim, rindo e chorando e fazendo grãos de romã, pérolas e peixes, contou-lhe toda a história.

As duas irmãs malvadas e o escorpião foram queimados em uma pilha de lenha alta como uma torre. No mesmo dia, houve um grande banquete de casamento.

Houve lá tanto luxo e ostentação,
E eu, a observar tudo do balcão.
Para desjejuar, só um prato de chicória,
E assim termina a minha história.

O DEVOTO DE SÃO JOSÉ (*Verona*)

Havia um homem que era devoto de São José e de mais ninguém. Fazia todas as orações para São José, acendia velas para São José e dava esmolas por São José. Em suma, não pensava em nada além de São José. Chega o dia da sua morte, e ele se apresenta a São Pedro. São Pedro não queria recebê-lo, pois tudo que havia feito de bom na vida havia sido rezar para São José. De boas ações, nada. Quanto a Jesus, à Virgem Maria e aos outros santos, era como se para ele não existissem.

— Já que vim até aqui — disse o devoto de São José —, deixe ao menos que eu o veja.

E São Pedro mandou chamar São José. São José veio e, logo que viu seu devoto, disse:

— Que maravilha, estou muito feliz por tê-lo conosco. Venha, entre.

— Não posso. Aquele ali não deixa.

— E por que não?

— Porque diz que rezei apenas para o senhor, e não para os outros santos.

— Ah, imagine, não importa. Entre assim mesmo.

Mas São Pedro estava obstinado a não o deixar entrar. Disso nasceu um grande bate-boca, e, no fim, São José disse a São Pedro:

— É o seguinte: ou o deixa entrar, ou eu pego minha mulher e meu filho e vou colocar o Paraíso em outro lugar.

Sua mulher era a Virgem Maria, seu filho era Jesus. São Pedro achou melhor ceder e deixar entrar o devoto de São José.

MUDA POR SETE ANOS (*Veneza*)

Era uma vez pai, mãe, duas crianças e uma garota. O pai viajava a trabalho, e, um dia em que estava fora, as duas crianças disseram à mãe:

— Nós vamos ao encontro do papai.

— Sim, sim, podem ir — respondeu a mãe.

Chegando ao bosque, as crianças param para brincar. Logo em seguida, avistam o pai de longe, correm ao seu encontro e agarram-se às suas pernas, dizendo:

— Papai, meu papai, meu papai!

O pai estava de mau humor naquele dia e diz:

— Não me irritem! Vão embora!

As crianças, no entanto, não lhe dão ouvidos e continuam agarradas às suas pernas. Inflamado como estava, o pai grita:

— Malditos, o Diabo que os carregue!

Naquele momento, aparece o Diabo e carrega os dois para longe sem que o pai perceba.

Em casa, quando a mãe viu o pai voltar sem as crianças, começou a preocupar-se e pôs-se a chorar. O marido primeiro disse que não sabia de nada, mas em seguida lhe contou sobre sua maldição e que não os havia mais visto depois.

Então a irmãzinha disse:

— Mesmo que custe a minha vida, vou atrás deles.

Embora o pai e a mãe não quisessem, a garota pegou um pouco de comida e partiu.

Encontrou um palácio com uma porta de ferro e entrou. Havia ali um senhor, ao qual perguntou:

— O senhor não teria visto os meus irmãos, que o Diabo carregou para longe?

— Não sei. Você pode ir por ali: há um quarto com vinte e quatro camas. Olhe se não estão em alguma delas — disse-lhe o senhor.

E, de fato, a garota encontrou os irmãos nas camas e ficou muito contente.

— Meus irmãozinhos, vocês estão aqui? Mas então estão bem!

— Venha aqui ver se estamos bem — disseram-lhe os irmãos.

Ela levantou as cobertas e viu debaixo delas várias labaredas de fogo.

— Oh, irmãos! O que posso fazer para salvá-los? — perguntou-lhes.

Se você permanecer muda por sete anos, estaremos salvos. Mas tenha cuidado, pois vai passar maus bocados.

— Está bem. Fiquem tranquilos, já entendi.

Ao sair, a garota passou em frente àquele senhor, que lhe fez sinal para aproximar-se, mas ela sacudiu a cabeça, fez o sinal da cruz e foi embora.

Anda que anda, a garota chega em um bosque. Cansada como estava, dormiu ali mesmo no chão. Um rei que estava caçando no bosque encontrou-a adormecida.

— Mas que bonita! — admirou-se.

Acordou-a e perguntou por que é que estava no bosque. Ela fez com a cabeça sinal de que não queria nada. O rei perguntou-lhe:

— Quer vir comigo?

Ela fez sinal de que sim. O rei falava alto, pois acreditava que a garota fosse surda-muda, mas então entendeu que ela escutava mesmo o que ele dizia em voz baixa.

Chegando em casa, ajudou-a a descer da carruagem e, então, disse à sua mãe que havia encontrado uma garota muda dormindo no bosque e que se casaria com ela.

— Mas eu sou contra! — contestou a mãe.

— Mas aqui quem manda sou eu — respondeu o filho.

Dessa forma, o rei casou-se com a garota. A sogra tinha um coração ruim e lhe fazia desaforos e grosserias, mas a nora não respondia e aguentava tudo. Eis que se soube que a garota estava esperando um bebê. A sogra mandou entregar ao filho uma carta enganosa: que fosse logo para tal cidade, pois estavam roubando todos os seus bens. O rei deixa a esposa naquele estado e parte. A esposa dá à luz um menino, mas a sogra, em conluio com a comadre, pega um cão e coloca-o na cama, ao lado da nora. Depois enfia o bebê dentro de uma caixa e o leva até o telhado do palácio. A pobre garota via e escutava tudo e desesperava-se, mas pensava na danação dos irmãos e criava forças para permanecer calada.

Logo em seguida, a sogra escreveu para o filho uma carta dizendo que a esposa havia parido um cão. A resposta do rei foi que não queria mais ouvir falar da esposa: que lhe desse algum dinheiro para sustentar-se e a mandasse embora do palácio antes que ele retornasse.

A velha, por sua vez, ordenou a um servo que levasse a jovem embora, que a matasse e depois a jogasse no mar e então trouxesse suas vestes de volta ao palácio.

O servo, ao chegar à praia, disse:

— Agora, minha senhora, abaixe a cabeça, que tenho que matá-la.

A jovem pôs-se de joelhos e uniu as mãos em súplica, com lágrimas nos olhos. O servo apiedou-se. Não a matou, apenas lhe cortou os cabelos, recolheu todas as suas vestes e, em troca, deu-lhe sua camisa e calças.

Deixada sozinha na praia, a jovem finalmente avistou um navio e fez sinal. Era um navio de soldados, e, acreditando que se tratasse de um rapaz, perguntaram-lhe quem era. Ela, com

gestos, explicou que era marinheiro de uma embarcação naufragada e que apenas ele havia se salvo. Os soldados disseram-lhe:

— Bem, mesmo que seja mudo, você guerreará conosco.

Houve uma batalha, e a jovem juntou-se aos outros a disparar com o canhão. Os companheiros, vendo a sua coragem, logo lhe conferiram o título de cabo. Terminada a guerra, ela solicitou que a liberassem do serviço e teve seu pedido atendido.

Uma vez em terra firme, não sabia para que lado ir. À noite, avistou uma casa em ruínas, foi até lá e entrou. À meia-noite, escuta passos, espia e vê que detrás da casa saem treze assassinos. Espera irem embora, depois vai ver de onde saíram e encontra uma grande mesa abundantemente servida. Havia comida para treze pessoas, e ela comeu um pouquinho de cada prato, para que não percebessem. Depois voltou ao seu esconderijo, mas havia esquecido uma colher em um dos pratos. Os assassinos voltaram antes do amanhecer, e um deles viu a colher e disse:

— Oh! Houve aqui uma traição!

— Bem, voltemos para fora — disse outro —, e um de nós fica aqui de guarda.

E assim fizeram. Ela, acreditando que todos tivessem ido embora, sai do esconderijo, e o assassino agarra-a.

— Ah, peguei você, canalha! Agora você vai ver — gritou o assassino.

Mais morta do que viva, a garota fez sinal de que era muda, de que havia entrado ali porque não sabia aonde ir. O assassino consolou-a e deu-lhe bebida e comida. Os outros voltaram, escutaram a história e disseram à garota:

— Já que está aqui, fique conosco. Senão, teremos que matá-la.

Ela, por fim, anuiu com um gesto e, dessa forma, ficou com eles.

Os assassinos nunca a deixavam sozinha. Um dia o chefe disse-lhe:

— Amanhã à noite teremos que ir todos ao palácio de tal rei — e lhe diz o nome do rei — para tomar seu tesouro. Você também precisa vir.

Aquele rei era o marido da jovem, e então ela lhe escreveu uma carta aconselhando-o a guarnecer bem o palácio, pois estava correndo perigo. E, à meia-noite, quando os assassinos chegaram ao portão do palácio e um a um entraram, um a um os guardas, escondidos detrás de barricadas, abateram-nos. Assim morreram o chefe e outros cinco assassinos; todos os demais debandaram, deixando-a ali sozinha, vestida de assassino. Os guardas pegam-na, amarram-na e levam-na para a prisão. Da cela, a jovem vê que já armam a forca na praça. Faltava-lhe apenas um dia para completar os sete anos. Com gestos, pede o obséquio de que esperem até o dia seguinte para a execução, e o rei aquiesce. No dia seguinte, conduzem-na até a plataforma da

força, e ela, do primeiro degrau, faz sinal de que, em vez das três, esperem até as quatro da tarde. O rei aquiesce novamente. Soam quatro horas, ela sobe mais um degrau, e eis que surgem do meio da multidão dois guerreiros. Apresentam-se ao rei e pedem-lhe permissão para falar.

— Falem — diz o rei.

— Por que vai para a força aquele jovem?

E o rei explica-lhes a situação.

— Pois saiba que não é um homem, mas nossa irmã! — e contam ao rei sobre como ela permaneceu muda por sete anos.

— Fale, agora estamos a salvo — dizem eles à irmã.

Removeram-lhe os grilhões, e ela, na presença de todo o povo, disse:

— Eu sou a esposa do rei, e, pela maldade de minha sogra, meu bebê foi entregue à morte. Vão até o telhado do palácio, peguem a caixa que está lá e vejam se dei à luz um cão ou um bebê.

O rei mandou os servos pegarem a caixa, e dentro dela havia ossos de bebê. Então todo o povo começou a gritar:

— Para a força, no lugar dela, a rainha e a comadre!

Dessa forma, as duas velhas foram enforcadas, a jovem retornou ao palácio com seu marido e os dois irmãos tornaram-se homens da corte.

A FÁBULA DOS GATOS (*Terra d'Otranto*)

Uma mulher tinha uma filha e uma enteada, e tratava essa enteada como um burro de carga. Um dia a mulher mandou a enteada sair para colher chicória. Anda que anda e, em vez de chicória, a garota encontra uma couve-flor: uma bela couve-flor bem graúda. Puxa que puxa a couve-flor e, quando finalmente conseguiu arrancar a raiz da terra, abriu-se ali uma espécie de poço. Havia lá dentro uma escadinha, pela qual ela desceu.

Encontrou uma casa cheia de gatos, todos atarefados. Havia um gato que lavava roupas, um gato que pegava água do poço, um gato que costurava, um gato que arrumava a casa, um gato que fazia pão. A garota pediu a vassoura a um dos gatos e ajudou-o a varrer; de outro gato, pegou as roupas sujas e ajudou-o a lavá-las; para outro, puxou a corda do poço; para o último, colocou os pães no forno.

Ao meio-dia apareceu uma grande gata, que era a mãe de todos os gatos, e tocou a sineta:

— Dalin, dalon! Dalin, dalon! Quem trabalhou, que venha comer! Quem não trabalhou, que venha ver!

Mamãe, todos nós trabalhamos, mas esta garota trabalhou mais do que nós — contaram-lhe os gatinhos.

— Muito bem — disse a gata —, venha comer conosco.

Puseram-se à mesa, a garota em meio aos gatos, e a Mamãe Gata deu-lhe carne, macarrão e um frango assado. Para seus filhos, no entanto, deu apenas feijões. Mas à garota desagradava a ideia de comer sozinha e, vendo que os gatos tinham fome, dividiu com eles toda a comida que a Mamãe Gata lhe dava. Quando se levantaram, a garota tirou a louça da mesa, lavou os pratos dos gatos, varreu a sala e organizou tudo. Depois disse à Mamãe Gata:

— Mamãe Gata, agora preciso ir embora, senão minha mãe me xinga.

— Espere, minha filha, que quero lhe dar uma coisa — disse a gata.

Lá embaixo havia um grande depósito. De um lado, estava cheio de artigos de seda, desde vestidos até sapatinhos; do outro lado, estava cheio de coisas feitas em casa, sainhas, casaquinhos, aventais, lenços de algodão, sapatos de couro rústico.

— Escolha o que quiser — disse-lhe a gata.

A pobre garota, que andava descalça e maltrapilha, disse:

— Dê-me um vestido feito em casa, um par daqueles sapatos de couro e um lenço para amarrar no pescoço.

— Não — disse a gata —, você foi boa com os meus gatinhos, e eu quero lhe dar um bom presente.

A gata pegou o vestido de seda mais bonito, um belo lenço grande, um par de sapatinhos de cetim, vestiu-a e disse:

— Agora, quando você sair, verá alguns buracos no muro lá fora. Coloque os dedos dentro deles e depois erga a cabeça para céu.

A garota, saindo de lá, colocou os dedos dentro dos buracos no muro e, quando levantou as mãos, tinha anéis em todos os dedos, um mais bonito do que o outro. Ergueu a cabeça, e uma estrela pousou em sua testa. Voltou para casa adornada como uma noiva.

E quem foi que lhe deu todas estas belezas? — perguntou a madrastra.

— Mamãe, encontrei alguns gatinhos, ajudei-os nas tarefas e me deram estes presentes — e contou-lhe como tudo havia ocorrido.

A mãe, no dia seguinte, não via a hora de mandar para aquele mesmo lugar a come-e-dorme da sua filha. Disse-lhe:

— Vá, minha filha, assim você também terá tudo que sua irmã ganhou.

— Não quero — dizia ela, malcriada como era —, não tenho vontade de caminhar. Está frio, quero ficar perto da lareira.

Mas a mãe a fez sair a golpes de vara. Anda que anda, e aquela molenga finalmente encontra a couve-flor, puxa-a e desce a escadinha até os gatos. Puxou o rabo do primeiro que viu; do segundo, as orelhas; arrancou os bigodes do terceiro; tirou a linha da agulha daquele que estava costurando; jogou dentro do poço o balde daquele que pegava água: em resumo, não fez nada além de desaforos a manhã inteira, e os gatinhos miavam e miavam.

Ao meio-dia, veio a Mamãe Gata com a sineta:

— Dalin, dalon! Dalin, dalon! Quem trabalhou, que venha comer! Quem não trabalhou, que venha ver!

— Mamãe — disseram os gatinhos —, nós queríamos trabalhar, mas esta garota puxou nossos rabos, fez um monte de desaforos e não nos deixou fazer nada!

— Bem — disse a Mamãe Gata —, vamos à mesa.

Serviu à garota um biscoito de cevada banhado em vinagre; aos seus gatinhos, macarrão e carne. Mas a garota passou todo o almoço roubando a comida dos gatos. Quando se levantaram da mesa, sem nem ao menos se preocupar em tirar a louça nem nada, disse à Mamãe Gata:

— Bem, agora me dê o que deu para minha irmã.

A Mamãe Gata então a levou até o depósito e perguntou-lhe o que queria.

— Aquela roupa lá, que é a mais bonita! Aqueles sapatinhos, que têm os saltos mais altos! — respondeu a garota.

— Então — disse a gata —, dispa-se e vista esta roupa de lã untada e besuntada e estes sapatos surrados de couro com pregos na sola.

A gata amarrou um lenço esfarrapado no pescoço da garota e a dispensou, dizendo:

— Agora vá e, quando sair, coloque os dedos nos buracos do muro lá fora e depois erga a cabeça para o céu.

A garota saiu e fez conforme mandou a gata. Quando levantou as mãos, tinha várias minhocas enroladas em seus dedos. Quanto mais tentava arrancá-las, mais elas se enrolavam. Ergueu a cabeça para o céu, e caiu a ponta de um longo chouriço dentro da sua boca, que ela mastigava e mastigava infinitamente. Quando chegou em casa naquele estado, mais feia do que um canhão, a mãe sentiu tanta raiva, que caiu morta. E a garota, de tanto comer aquele chouriço, caiu morta ali também. Por sua vez, a enteada, boa e trabalhadora, casou-se com um jovem bonito.

E assim viveram, felizes e cheios de sonhos,
Apure os ouvidos, e ainda os ouve risonhos.

O ESCUDEIRO DO LADO ESQUERDO (*Palermo*)

Conta-se que uma vez havia um Rei de Espanha, e esse Rei de Espanha tinha dois escudeiros: um que ficava à sua esquerda e outro que ficava à sua direita. O escudeiro do lado esquerdo tinha uma esposa que era uma santa, de tão bela, graciosa e de vida severa e recatada. O escudeiro do lado direito, em todos aqueles anos dentro da corte, jamais havia conseguido ver o rosto dessa bela mulher, o que quase lhe causava despeito.

Esse escudeiro começou a dizer ao rei:

— Majestade, se soubésseis que bela senhora tem por esposa o escudeiro do lado esquerdo! Que bela senhora, Majestade!

E outro dia:

— Majestade, esta manhã vi a esposa do vosso escudeiro, que me deixou de queixo caído: como é bela!

E novamente:

— Sabeis, Majestade, que a senhora do escudeiro do lado esquerdo, quando mais o tempo passa, mais bela se torna?

Passa hoje, passa amanhã, e o rei já não cabia em si de vontade de apreciar pessoalmente aquela beleza. Pôs-se a cavalo com os seus cavaleiros e passou em frente à residência do escudeiro do lado esquerdo. Justamente naquele momento, a senhora estava à janela. O rei sentiu estremecer o coração. Avistou-a de passagem, mas era rei e não podia ficar ali com os olhos fixos em uma janela, para não dar o que falar às más línguas. Na volta, passou novamente por aquela rua, mas a senhora, recatada como era, já havia se recolhido. O rei não teve mais paz. Retornou ao palácio e ordenou que ninguém saísse até que ele voltasse; havia tido a ideia de ir à casa da senhora para visitá-la enquanto seu marido não podia deixar o palácio.

Vestiu-se de soldado e foi à residência do escudeiro do lado esquerdo. Tocou a campainha, e veio atender a camareira.

— O que desejais?

— Preciso falar com a vossa senhora.

— E o que desejais da minha senhora?

— Tenho que falar com ela.

— Minha senhora está repousando e não vos pode receber.

— Mas eu quero entrar.

— Mas não podeis — deu-lhe um empurrão e estava fechando a porta na sua cara, mas o rei desafiou o cinto da túnica de soldado e mostrou-lhe o Tosão de Ouro.

A camareira caiu de joelhos.

— Misericórdia, Majestade! Não vos havia reconhecido!

— Não há problema — disse o rei —, vi que és uma mulher fiel. Agora quero somente que me deixes ver o rosto de tua senhora, e depois me vou.

— Sim, Majestade — respondeu a camareira.

A mulher acompanhou-o, andando nas pontas dos pés, até os aposentos onde sua senhora estava repousando. Ela se encontrava profundamente adormecida, e, uma vez que durante o sono o rosto se torna mais encarnado, o rei, ao vê-la, esteve por desmaiar. Tirou uma das luvas, pousou-a sobre o baldaquino do leito e fez menção de acariciar a senhora, mas se deteve a tempo.

Permaneceu ali a admirá-la até saciar completamente os olhos, depois, repentinamente, deu-lhe as costas e foi embora.

Assim que o rei retornou ao palácio, os cavaleiros e toda a corte ficaram livres para sair. O escudeiro do lado esquerdo voltou para casa e quis saber de sua esposa. Entrando em seus aposentos, o que encontra? Sobre o baldaquino, estava a luva esquecida pelo rei. Foi como se tivesse visto o Diabo. Daquele dia em diante, não olhou mais para sua esposa.

A pobre senhora, inocente como um anjo, não sabia do que se tratava aquilo, e, dia após dia, sozinha, ficava cada vez mais magra, sem, contudo, jamais se lamentar.

— Minha senhora — dizia-lhe a camareira —, mas como podeis estar assim, sempre melancólica, enquanto as outras damas saem para ostentar luxo nos teatros e nas festas!

Um dia, aquele espírito de porco do escudeiro do lado direito passou por acaso em frente à casa do escudeiro do lado esquerdo: e quem ele avista no balcão? A pobre senhora, completamente abatida. Até mesmo aquele espírito de porco acabou sentindo pena dela. Disse ao rei:

— Sabeis, Majestade, aquela rara beleza da esposa do escudeiro do lado esquerdo? Não se reconhece mais, de tão magra e anêmica.

O rei pôs-se a pensar e, pensa que pensa, acertou um tapa sobre a própria testa: “O que foi que eu fiz!”.

Dois dias depois, ordenou que se fizesse um banquete da corte. Cada cavaleiro devia levar sua esposa ou, se não era casado, a irmã ou outra dama de sua casa. O escudeiro do lado esquerdo não podia deixar de levar sua esposa, pois não tinha nem irmã, nem mais ninguém.

Chamou a camareira e ordenou-lhe que dissesse à senhora para mandar fazer os mais belos vestidos, sem se preocupar com os gastos, pois estava convidada para o banquete da corte.

Ao banquete, a senhora teve seu lugar ao lado de seu marido, que estava à esquerda do rei. O rei começou a interrogar os convidados sobre suas vidas. Fazia perguntas a todos, menos ao escudeiro do lado esquerdo e à sua esposa. Por fim, dirigiu-se a ela:

— E então, como passastes a vossa vida, senhora?

A pobre senhora, com ternura, respondeu-lhe em rima:

Vinha eu era e vinha sou,
Era podada e já não o sou;
E não sei por qual razão
Não me poda o meu patrão.

O escudeiro, então, responde-lhe:

Vinha eras, vinha és,
Eras podada, já não o és;
É pela garra do leão
Que não te poda o teu patrão.

O rei compreendeu que a vinha era a senhora, que havia sido abandonada pelo marido após este ter encontrado a luva sobre o baldaquino. Compreendeu o mal que a sua curiosidade havia causado e disse:

Dessa vinha de que escuto,
Afastei a folha, admirei o fruto,
Mas não o colhi, nem mesmo o toquei,
Pela honra da coroa com que me fiz rei!

Sabe-se que jurar pela coroa é o maior dos juramentos para um rei, e o escudeiro, escutando que sua esposa era inocente, ficou de olhos arregalados.

Ao fim do banquete, o rei sentou-se em um lugar reservado com o casal e, em confidência, contou-lhes como havia ocorrido o episódio da luva. E concluiu:

— Admirei a fidelidade da camareira para com a sua patroa e ainda mais a honestidade desta senhora, que jamais olhou para um homem que não fosse o seu marido. E deveis perdoar a mim, que fui a causa das vossas dores.